



PORTAL DE S. CYRO LA ROSIERE.

A freguezia de S. Cyro la Rosière, no cantão de Nocé, districto de Mortagne, está hoje reunida a de S. Gauburge. Outr'ora era bastante consideravel, e por isso se dividia em duas partes, uma das quaes, *pro majori*, rendia 1800 libras, e a outra, *pro minori*, 1500. Ambas eram apresentação do senhor temporal. A architectura da fachada, que a nossa estampa representa, marca a transição do estylo romano para o ogival. A ogiva é obtusa, e annuncia a arte nova, em quanto as columnas conservam a forma pesada e os capiteis folhados e com figuras da arte que desapparece. É a parte mais curiosa e antiga da igreja. As abobadas são do seculo xv ou xvi. Em uma capella, nota-se um grupo, composto de oito figuras e representando o enterro de Christo. Esta obra, que não é destituida de merecimento, supõe-se executada no seculo xvi, na cidade de Tours, onde existia então uma escola d'artistas esculptores. Distingue-se tambem, como digno d'atenção, na povoação de S. Cyro, o pequeno e forte castello de Langelardièrre, construido provavelmente no mesmo seculo.

VOL. I. — 1.ª SERIE.

#### A ANTIGA PAROCHIA DE SANTA CATHARINA.

Quem vos dirá, ao passar pelo pardeciro que existe na extrema direita sul da rua da Cruz de Pau, que ali houve n'outros tempos uma sumptuosa parochia, que em eras mais remotas foi um formoso desvelo da alma piedosa da rainha D. Catharina, mulher d'el-rei D. João III? Para attestal-o não bastará o testemunho dos olhos tomado d'aquellas paredes que simulam a forma externa de um templo: ser-vos-ha necessario dar volta pelo formoso largo d'aquelle maravilhoso panorama do Monte de Santa Catharina, e retirando a vista d'aquelles enlevos do nosso poetico rio, e seus pittorescos montes da margem esquerda, engrandecidos pelo maravilhoso do infinito por onde ella se espraia além da barra, vir descansal-a, arrobada de tamanha maravilha, sobre uma lapida que mãos piedosas da geração que viveu nos fins do seculo passado, ahi fez assentar sobre a porta principal, para testemunho

DEZEMBRO, 26, 1857.

futuro da piedade dos nossos avós, e escarmen-  
to cruel da incredulidade dos nossos dias.

Será a pedra, que a natureza creou muda, mas  
que a arte e a sciencia do homem ensinou a fal-  
lar, quem, em breves palavras, vos contará a his-  
toria d'aquellas ruínas, á porta das quaes se con-  
serva como atalaya, assentada ali pela mão de  
Deus, para bradar o seu terrivel alerta aos ou-  
vidos scepticos.

Ella vos dirá :

«Esta igreja fundou a rainha D. Catha-  
rina no anno de 1560, e a doou aos livre-  
iros d'esta cidade, e no 1.º de Novembro de  
1755 o terremoto a arruinou, e os ditos li-  
vros como padroeiros perpetuos a fize-  
ram á sua custa no anno de 1757.»

Vêde lá, se é ou não verdade a pedra fallar-  
vos aos sentidos e á alma! Olhae lá na ironia d'a-  
quellas singelas palavras com que vos conta quem  
a reedificou depois do terremoto de 1755! Seria  
a corporação dos livreiros então mais numerosa  
e rica do que hoje? Menos numerosa sim; e mais  
rica tambem, não de capitaes, que esses suppres-  
os o desejo vencedor de todas as difficuldades, e  
sim de crença, devoção e fé, que é o quilate mais  
subido do precioso metal de que se formam os ho-  
mens e as sociedades.

Os mestres livreiros do terceiro quartel do se-  
culo passado, encontraram na sua fé e na sua  
crença, as necessarias forças para a reedificarem;  
e os livreiros d'este terceiro quartel do seculo em  
que vivemos, levados ao principio pelo impulso  
de uma bemaventurada devoção, oppozeram-se a  
que a fazenda nacional incluísse a sua igreja na  
lista dos bens nacionaes para ser vendida em pra-  
ça; mas conseguida a portaria de 1842, que lhes  
mandou restituir a igreja e suas pertencas, des-  
animaram no meio da empresa, e confessando-se  
sem meios para reedificar o antigo edificio, re-  
quereram licença para proceder á venda do terre-  
no e material existente! Subjeitaram-se a viver da  
esmola que lhe offerta um templo estranho; e são  
elles pelas proprias mãos que apagam aquella  
honrosa legenda que J. B. de Castro lhes estam-  
pou, quando, ao narrar a transferencia da anti-  
ga confraria de S. José de Ribamar para a igre-  
ja de Santa Catharina, acrescenta que se lhes  
deu a administração d'ella, por serem ministros  
da sabedoria, de que esta Santa é protectora!

Assim retribuem os homens que constituem a  
corporação n'este seculo, os desvelos reaes de  
um infante e de uma rainha, que nos seculos al-  
cunhados de obscurantismo primavam em reunir  
num esplendido gremio os homens, por cujas  
mãos tinham de passar a sciencia e o seu ensi-  
no! O primeiro compromisso foi feito no anno  
de 1540, e approvedo pelo infante D. Pedro, fi-  
lho do não menos heroico D. João I, e reforma-  
do depois por el-rei D. João III. Foi a esposa d'es-  
te, a rainha D. Catharina, que na regencia da  
menoridade de seu neto D. Sebastião, se deveu  
a fundação da que foi ermida com a invocação  
de Santa Catharina do Monte Sinai, uo chamado

*Monte do Pico* ou do *Belver*; e em 1560 come-  
çou a regalia d'esta ser parochia, com padroado  
real, que cedeu em 1567 á confraria, incorpora-  
da em irmandade, com obrigação de servir sem-  
pre de juiz um fidalgo da primeira grandeza.

Era da attribuição da irmandade, como dona-  
taria, prover annualmente a um cura, tres coad-  
jutores, e um thesoureiro. Havia na igreja cinco  
irmandades; tinha dezenove capellarias, e uma  
confraria da Senhora da Nazareth. No templo exis-  
tiam oito capellas perfeitamente adornadas, e  
n'ellas resplandeciam duas reliquias de Santa  
Catharina. O rendimento era grande não só pela  
extensão da freguezia que augmentava muito o  
valor da fabrica, mas pelos legados, predios, fo-  
ros, etc., que se incorporavam na irmandade.

A maior parte d'estas regalias perdeu-as a ir-  
mandade depois que a freguezia se transferiu pa-  
ra o templo dos Paulistas. Não seria ainda tem-  
po de as reaver, se a corporação dos livreiros,  
com confiança nas suas posses, sobeja de von-  
tade e de energia, reconstruisse a igreja que  
por seu desleixo perdeu?

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

#### LISTA DOS PRELADOS DA SÉ PRIMACIAL DO ORIENTE.

*A cidade de Goa foi erecta em bispado no anno  
de 1531.*

##### BISPOS.

D. João de Albuquerque, tomou posse em 1538.  
D. Fr. Jorge de Santa Luzia, 1553.

*Goa foi elevada a arcebispado em 1557.*

##### ARCEBISPOS.

D. Gaspar de Ornellas, 1560.  
D. Fr. Jorge Themudo, 1567.  
D. Gaspar de Ornellas (segunda vez), 1573.  
D. Fr. Henrique de Taura, 1578.  
D. Fr. Vicente da Fonseca, 1583.  
D. Fr. Matheus de Medina, 1588.  
D. Fr. André de Santa Maria, bispo de Cochim,  
governador do arcebispado, 1594.  
D. Fr. Aleixo de Menezes, foi governador do es-  
tado, e passou a arcebispo de Braga, 1595.  
D. Fr. Domingos da Trindade, bispo de Salle, go-  
vernador do arcebispado, 1609.  
D. Fr. Christovão de Sá, 1616.  
D. Fr. Sebastião de S. Pedro, 1623.  
D. Fr. Manuel Telles de Brito, falleceu em via-  
gem para a India, 1623.  
D. Fr. Miguel Rangel, 1634.  
D. Francisco dos Martyres, governou o estado,  
1636.  
D. Fr. Christovão da Silveira, falleceu na ida pa-  
ra a India, 1673.

- D. Fr. Antonio Brandão, foi governador do estado, 1675.  
 D. Manuel de Sousa e Menezes, 1681.  
 D. Alberto da Silva, 1687.  
 D. Fr. Pedro da Silva, 1689.  
 D. Fr. Agostinho da Annuniação, entrou duas vezes no governo do estado, 1691.  
 D. Sebastião de Andrade Pessanha, foi governador do estado, 1716.  
 D. Ignacio de Santa Thereza, tomou parte na governança do estado por duas vezes, 1721.  
 D. Fr. Eugenio Fregueiros, morreu em viagem para Goa, 1741.  
 D. Francisco de Vasconcellos, bispo de Cochim, governou o arcebispado, e o estado, 1741.  
 D. Fr. Lourenço de Santa Maria, 1744.  
 D. Antonio Taveira de Neiva Brum e Silveira, foi governador do estado, 1750.  
 D. Francisco d'Assumpção e Brito, 1774.  
 D. Fr. Manuel de Santa Catharina, 1784.  
 D. Fr. Manuel de S. Galdino, tomou parte na governança do estado, 1812.  
 D. Antonio Feliciano de Santa Ritta, 1837.  
 D. José Maria da Silva Torres, 1840.

Governa actualmente o arcebispado, o bispo eleito de Cochim, D. Joaquim de Santa Ritta Botelho.

Em os proximos numeros do *Panorama*, daremos a relação dos bispos portuguezes d'Africa, nas dioceses de S. Thomé, Congo, Angola e Cabo-Verde, bem como o catalogo dos governadores e capitães generaes das mesmas provincias.

F. M. B.

### YAUNG-COOMPON.

Por este nome se designa o Ser Supremo entre os habitantes da Costa d'Oiro. William Hutton refere na sua *Viagem pela Africa*, que quando tropeja dizem estes povos que o Ente Supremo anda de carruagem lá pelos ares, do mesmo modo que a nossos infantes, na sua simples credulidade, dizem que são os anjinhos que andam no ceo jogando a bola.

Aquelle Ente Supremo tambem tem os seus sacerdotes, appellidados fetiches. São feiticeiros e jograes d'uma revoltante immoralidade.

Entre estes povos, uma pedra que os fetiches pendurem na via publica, é um deus. Tambem esculpem em pau qualquer imagem grosseira, que collocam nas portas, e todas as manhãs lhe tributam suas religiosas homenagens. Cabanas entretrecidas de ramos e folhas são os seus templos, e n'elles depositam ovos, pedras e vasilhas de barro, invocando a *Yaung-Coompon* com muitos gemidos; e com o deus invocam seu pae (*Majeh*) ou sua mãe (*Minnachi*).

As divindades variam, porém, segundo as localidades. N'umas adoram o crocodilo; n'outras a hyena; e em varias partes a serpente. O abutre é venerado em toda a costa.

Os sacrificios humanos formam uma importan-

te parte das ceremonias religiosas, e tem lugar especialmente quando morrem os reis, ou personagens importantes. No reino de Ashante, ou Achante, chega a milhares o numero de infelizes que se immolam n'estas occasiões, ou quando se solemnisa a colheita da batata, ou inhame. Em Dahomey ha exemplos de no principio das colheitas se torturarem e despedaçarem sessenta e cinco pessoas. As vezes empallam uma vestal para alcançarem dos deuses uma feliz navegação fluvial, e actividade de relações commerciaes.

Mr. Bowdich descreve assim o sacrificio d'um homem em Coomasia. Uma faca atravessava-lhe as faces; e alguem que ia adiante d'elle uma das orelhas: a outra pendia-lhe da cabeça presa n'um pequeno filamento. Em cada espada levava cravada uma faca. Varios homens o conduziam por uma corda que lhe atravessava as ventas. O desgraçado ia com as mãos amarradas atraz das costas. O cortejo é precedido de tambores.

Uma festa que tem lugar no mez de Janeiro, é especialmente celebre pelo grande numero de sacrificios humanos. Mr. Hutchinson, encarregado dos negocios britannicos na Coomasia, conta, que no decurso de dezeseite dias, o rei fez degolar milhares de homens para propiciar a divindade á mãe, e duas irmãs, que lhe morreram depois da sua ascensão ao throno. Este barbaro sacrificio era acompanhado de musica, e quando esta parava, soavam estridentemente as cornetas, e o povo bradava: Morte! morte! morte!

O povo d'Ashante acredita na immortalidade da alma, mas não admite o inferno. *Yaung-Coompon* protege-os e pune-os durante esta vida; porém lá no outro mundo contenta-se em entreter relações unicamente com os personagens eminentes, aos quaes concede, como cá sobre a terra, autoridade sobre a raça vulgar, que languida e somnolentemente se conserva nas cabanas dos fetiches.

É galante a tradição que elles tem da origem da especie humana.

Dizem que Deus creou tres homens pretos, e outros tantos brancos, e a cada um d'elles brindou com uma mulher da mesma côr. Deixou-lhes o livre arbitrio na escolha do bem e do mal, collocando na terra uma enorme cabaça, e um papel dobrado e sellado. Os pretos foram os primeiros que tiveram o privilegio de escolher, e lançaram-se á cabaça, que julgavam cheia de objectos preciosos, e só encontraram n'ella um pedaço de oiro, um bocado de ferro, e fragmentos de outros metaes, cujo uso ignoravam. Os brancos romperam o sello ao papel, e desdobrando-o aprenderam n'ella todas as sciencias. Então Deus conduziu os brancos para as costas do mar, e deixou os pretos nos bosques; e communicando todas as noites com os primeiros ensinou-os a construir uma barquinha, em que os transportou para outros paizes, que tambem faziam parte da Africa, mas d'onde não voltaram senão ao cabo de um extensissimo periodo.

A.



APITO DO SÉCULO XVI.

Este apito, cujo tamanho exacto apresenta a nossa gravura, é de prata doirada, embutido de pedras preciosas. É um trabalho francez do século XVI. Não faz parte d'uma collecção assaz numerosa para ser conhecida. Suppõe-se que servia para chamar os criados no interior das casas, porque o uso das campainhas só foi introduzido em França no século XVII.

## ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DE SEGUNDA RAÇA.

Continuação.

*Carlos Magno.*

767—773. Os dois filhos de Pepino dividiram os estados; mas em breve a morte de *Carloman* tornou *Carlos Magno*, seu irmão, unico senhor da monarchia. As primeiras façanhas do novo soberano foram contra os saxonios. Estes tinham

a sua frente um homem digno de se medir com elle — o famoso *Witiking*, a quem derrotou junto de Paderborn, e arrasando o templo d'estes barbaros, matou-lhes os sacerdotes sobre os despojos do idolo, e levou as suas conquistas até ao Vesper.

774—777. Em quanto Carlos triumphava dos saxões, a Italia solicitava o seu auxilio. *Didier*, rei dos lombardos, invadira, governando o papa *Adriano I*, o exarchado de Ravenna. O monarcha francez voou contra o usurpador, aprisionou-o, e fez-se coroar rei da Lombardia. O vencedor renovou ao pontifice a doação do *património de S. Pedro*; *Adriano* conferiu-lhe, por gratidão, o título de patricio de Roma, com o direito d'entender na eleição dos papas e confirmal-a. Os romanos, por sua parte, submetteram-se ao seu poder.

778—799. Carlos passou a Hespanha, para restabelecer *Ibinaralabi* em Saragoça, d'onde fôra expulso pela rebellião. Cercou Pamplona, e apoderou-se do condado de Barcelona. Mas, na volta, os gascões bateram, no valle de Roncesvalles,

a retaguarda do seu exercito. *Rolando*, que tão celebre se tornou, perdeu ahi a vida.

Os saxões aproveitaram a ausencia do principe francez para se sublevarem. Carlos marchou contra elles, e alcançando novas victorias, submetteu finalmente ao estado e á religião o infatigavel *Witiking*, que, havia trinta e tres annos, luctava só contra todas as forças da França. Este famoso general foi tão bom subdito, como tinha sido formidavel inimigo.

Os saxões foram dispersos, na maior parte, pela Suissa e Flandres, onde communicaram o seu espirito agitador aos novos compatriotas. Um antigo escriptor, fallando da maneira porque o monarcha francez se comportava para converter estes barbaros ao christianismo, exclama: « Oh benignidade de Deus! que lhes deu por doutor e mestre o illustre Carlos, que obrigava, com as armas na mão, os que não podia subjeitar pela razão, e os constrangia assim a salvar-se a seu pesar. » As leis do principe contra estes desgraçados eram bem pouco conformes ao espirito do Evangelho, pois condemnavam á morte quem se occultasse para não receber o baptismo. Um dia fez matar mais de quatro mil que pediam perdão.

802. O illustre filho de *Pepino*, chegado pela sua coragem ao auge da gloria, marchou para Roma em triumpho, e foi coroado imperador do Occidente por *Leão III*, renovando-se assim o imperio dos Cesares, extincto havia mais de tres seculos. Declararam-no *Cesar* e *Augusto*: decretaram-lhe as insignias dos antigos imperadores romanos, principalmente a aguia imperial. Havia muito tempo que o universo lhe dera o sobrenome de *Grande*: elle merecia-o pelos seus feitos heroicos, conquistas, qualidades pessoaes, e emfim pela immensa extensão dos seus dominios. Lançando-se a vista para o imperio, vê-se que possuia toda a Gallia, uma parte da Hespanha, o continente de Italia até *Benevento*, toda a Alemanha, os Paizes Baixos, e uma parte da Hungria. O califa *Haroun-al-Raschid*, o mais poderoso principe do Oriente, enviou-lhe embaixadores, com magnificos presentes, como para prestar homenagem á sua grande celebridade; e cedeu-lhe a soberania da Terra-Santa, reservando para si o titulo de logar-tenente.

803—812. Logo que Carlos Magno foi proclamado imperador, afirma-se que *Irene*, imperatriz do Oriente, quiz desposal-o, para reunir ambas as monarchias; mas uma revolução repentina, expulsando do throno esta princeza, desvaneceu-lhe as esperanças. Vencedor por toda a parte, dedicou-se a policar os seus estados, restabeleceu a marinha, visitou os portos, fez construir navios, e formou o projecto de reunir o Rheno ao Danubio por um canal, para a junção do oceano com o Ponto-Euxino. As suas leis sobre as materias tanto ecclesiasticas como civis são admiraveis, sobretudo para tempo tão pouco illustrado. Ordenou que os pesos e medidas fossem postos em todo o imperio em egual pé;

e regulou o preço dos estofos e vestuario de seus subditos segundo a condição e grau. Equilibrou tão sabiamente todas as classes do estado, que foram contrabalançadas, e elle ficou senhor. Tudo foi unido pela força do seu genio: o imperio manteve-se pela grandeza do chefe.

813. Este grande principe, sentindo proximo o seu fim, associou ao imperio *Luiz*, o unico filho que lhe restava. Em presença de todos os grandes do reino e de numerosa assemblea, fez um discurso, onde, entre outros conselhos, lhe disse: « Honrae os bispos como paes; amae os povos como filhos; obrigae pela força os maus e sediciosos a entrarem no seu dever: escolhei juizes e governadores a quem o temor de Deus faça incorruptiveis; e vós mesmo tornae-vos irreprehensivel perante Deus e os homens. » Depois ordenou ao principe que tomasse com a propria mão a corôa que elle tinha posto sobre o altar, para lhe dar a entender que a recebia de Deus só, e que os pontifices nenhum direito tinham de dispor d'ella. Deixou-lhe todos os seus estados, á excepção da Italia, que reservou para *Bernardo*, bastardo de seu filho *Pepino*. Carlos Magno não viu muito tempo o filho sobre o throno: um pleuriz terminou a sua longa e gloriosa carreira a 28 de Janeiro de 814, com setenta e um annos de idade, quarenta e sete de reinado, e quatorze d'imperio.

Vasto nos seus designios, simples na execução, ninguém possuiu em mais alto grau a arte de fazer as maiores coisas com facilidade, e as difficeis com promptidão. Brando e affavel com todos, sincero e modesto nos modos, amava a companhia das pessoas da côrte; governava a sua casa com a mesma sabedoria com que governava o imperio: fez crescer os rendimentos dos seus dominios, e tirou d'elles com que espalhar abundantes esmolas, e soccorrer o povo. Este principe era o homem mais robusto, alto e bem feito do seu reino: tinha olhos grandes e vivos, rosto alegre e franco, e nariz aquilino.

Foi enterrado na egreja d'*Aix-la-Chapelle*, que tinha edificado. Enterraram-no, ou, antes, metteram-no em um carneiro, onde o sentaram sobre throno d'ouro; adornaram-no com as vestes imperiaes, e pozeram-lhe o cilicio que trazia ordinariamente, espada ao lado, corôa na cabeça, o seu livro do Evangelho sobre os joelhos, o sceptro e o escudo aos pés: um e outro eram d'ouro, e o papa tinha-os benzido. Lançaram-lhe o manto real, e pozeram-lhe a grande bolsa de peregrino, que costumava usar nas viagens a Roma. Todo o sepulchro foi perfumado, e ahi metteram grande quantidade de peças d'ouro. Sellaram-no; e por cima levantaram-lhe um soberbo arco triumphal, onde se gravou este epitaphio: *Aqui repouza o corpo de Carlos, grande e orthodoxo imperador, que augmentou gloriosamente o reino dos francezes, e o governou felizmente durante quarenta e sete annos.*

Continua.

## RESPEITO E AMISADE.

AO ILLUSTRÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO BENEFICIADO,  
FRANCISCO RAPHAEL DA SILVEIRA MALHÃO.

Estas phrases, senhor, que vos escrevo,  
São sinceras, e n'ellas podeis crer;  
São um tributo d'alma que dedico,  
É quanto posso dar, por mais não ter!

Salvè, salvè, modelo de virtude,  
Exemplo salutar de santo amor.  
Interprete fiel do verbo santo,  
Fazendo-o refulgir com mais fulgor.

Nas praticas em que eu vos tenho ouvido  
Do pulpito fallaes ao coração;  
Inspiraes co'a virtude as nobres crenças,  
E daes em cada phrase uma lição!

Se fallaes ao peccador arrependido,  
Ao morrer-lhe da vida quasi a luz.  
N'um gesto só, mas n'um gesto eloquente,  
Como esp'rança apontaes-lhe para a cruz!

Despido d'ambições e de vaidade,  
Sois o typo, senhor, do bom christão;  
As santas leis prégaes da santa Egreja,  
E o exemplo daes na vossa abnegação!

E ministro de Deus, sois respeitado,  
Não por austero, só por muito amor;  
Pelo amor, que legou d'entre os martyrios,  
O Rei dos reis, do mundo o Redemptor!

Ah! cumpris a missão do sacerdocio  
Como ella escripta foi, como ella é:  
Em alento trocaes o desalento,  
Ao sceptico inspiraes a crença e a fe!

Poeta, deu-vos Deus a faculdade,  
Nas azas de subir da inspiração,  
De correr das idéas pelo infinito,  
De colher n'essa aerea região,

Pensamentos a mil, de mil affectos,  
Estrellados de muita inspiração,  
Que repassam uma a uma d'alma as fibras,  
Buscando por asylo o coração!

Poeta e sacerdote! Unidos ambos,  
Por laços que só Deus pode formar,  
A Egreja entrelaçada co'a poesia,  
E n'uma alma sómente e sempre a par!

Oh! se ha nada mais bello e mais sublime!  
Vê-se em vós creador e criação;  
O dedo de Deus tendes n'alma impresso,  
E ao mundo scintillaes essa impressão!

Obscuro, como sou, desconhecido,  
Eu só sei respeitar-vos e admirar  
Calado, mas absorto vos contemplo,  
E dou-vos quanto um peito pode dar.

## AI! NÃO ME NEGUES A ESP'RANÇA.

Porque me negas a esp'rança.  
Quando o teu ardente olhar  
Na minh'alma adormecida  
Fez tanto amor acordar?

Tornei-me pois teu captivo,  
E bem digo a escravidão,  
Porque só hoje é que sinto,  
Que me vive o coração!

Esses teus olhos, querida,  
Tem tal vida e tal ardor,  
Que ao fital-os senti logo,  
O vivo incendio do amor!

E rendido e namorado,  
Não pude o affecto conter,  
E em phrase pobre e sentida,  
Nada te pude esconder.

Respondeste-me dizendo,  
Que te impunha uma traição!  
Pois era traição pedir-te,  
Que me não dissesses: «não?»

Podem acaso haver peias  
Para tal amor ardente?  
Amores jámais são crimes  
Na consciencia de quem sente!

Porque affectos não se impõem,  
Nem se podem suffocar;  
Vindos elles é ceder-lhes,  
Ninguem n'os pode evitar!

Porque fallas de deveres?  
Pois não reparas, não vês,  
Que ninguem como eu, querida,  
De amor se roja a teus pés?

Pois tanto amor não te abala,  
Não te faz nada sentir?  
Porque me negas a esp'rança,  
Porque me queres fugir?

Queres, esquiva, matar-me  
Com tanta incerteza assim?  
Porque «não» dizes nas phrases,  
E nos olhos dizes «sim?»

Receias tu que eu te esqueça?  
Tranquillisa-te, anjo meu;  
Amor que tem tanto fogo,  
Nunca mais arrefeceu!

Oh! transforma a tempestade  
D'esta minh'alma em bonança.  
Podemos ser tão felizes!...  
Ai! não me negues a esp'rança!

MENDES LEAL (ANTONIO).

## DIREITO PUBLICO GERMANICO.

## Continuação.

Imperador é o nome que se dá ao príncipe que foi legitimamente escolhido pelos eleitores para chefe do imperio romano-germanico, e para governar segundo as leis que lhe são impostas pela capitulação imperial.

Desde a extinção da casa de Carlos Magno que possuía o imperio por direito de successão, ou depois de Henrique IV na opinião de outros autores, a dignidade imperial se tornou electiva, e desde esse tempo ninguém chegou a ella senão por esta via. Até os eleitores, receiando que os imperadores da casa d'Austria fizessem a dignidade imperial hereditaria na sua familia, inseriram na capitulação de Mathias, e na dos imperadores seguintes, uma clausula, por via da qual se obsta isso aos imperadores.

Os eleitores não são obrigados a limitarem a sua escolha a uma casa em especial: basta que a pessoa eleita seja: 1.º varão, porque a dignidade imperial não pode passar a mãos femininas; 2.º que o príncipe que se quer escolher seja alemão, ou, pelo menos, de raça originaria da Alemanha, mas esta regra tem tido suas excepções; 3.º que seja de nascimento illustre; 4.º a bulla de ouro diz vagamente que deve ser de idade conveniente; *justæ ætatis*, mas esta idade não está fixada por nenhuma lei; 5.º deve ser leigo, e não ecclesiastico; 6.º que não seja heretico, se bem que nenhuma lei fundamental do imperio exclue os protestantes da dignidade imperial.

Quando o throno imperial está vago seguem-se as seguintes formalidades para a eleição de novo imperador. O eleitor de Moguncia, na qualidade de archi-chancellor do imperio, deve convocar a assemblea dos outros eleitores no espaço de trinta dias, depois de notificada a morte do imperador. Os eleitores dirigem-se a Francfort-sur-le-Mein. Ali comparecem na assemblea, ou pessoalmente, ou pelos seus deputados, munidos de plenos poderes, e redigem os artigos da capitulação imperial. Se um eleitor, devidamente convidado para a eleição, recusa comparecer n'ella, ou se retira depois de ter comparecido, não obsta a que os outros prosigam na eleição, e por isso não é menos legitima.

Fixado o dia para a eleição, faz-se sair da cidade todos os estrangeiros. Os eleitores assistem a uma missa do Espirito Santo, e prestam um juramento, cuja formula está determinada na bulla de ouro, de serem imparciaes na escolha que vão fazer. Depois d'isto entram no conclave, e procedem á eleição que se faz por unanimidade de votos, sendo estes contados pelo eleitor de Moguncia.

Concluida a eleição franqueiam-se as portas, mandam-se entrar no recinto da assemblea notarios e testemunhas, e lavra-se um instrumento que é assignado e sellado por cada um dos elei-

tores. Segundo a bulla de ouro, se a eleição se não fizer dentro de trinta dias, os eleitores deverão estar a pão e agua. Concluida a eleição, é logo annunciada na igreja principal da cidade. Os eleitores fazem-na notificar ao eleito, se está ausente, pedindo-lhe que acceite a dignidade imperial. Se está na cidade, apresenta-se-lhe a capitulação que elle jura observar, e os eleitores o conduzem, em cerimonia, do conclave ao altar-mór; ajoelha no degrau mais elevado, e faz oração, tendo os eleitores a seu lado. Depois apresentam-no sobre o altar, canta-se o *Te Deum*, e finalmente o eleito sobe a uma tribuna, e é então que se proclama imperador.

Continua.

## ALMANAK DO POVO.

Como prova de esmero artistico na typographia, e como elegante adorno de gabinete, recommendamos o *Almanak do povo* para o anno de 1858. O seu diminuto preço de 40 réis, excita o desejo de o comprar.

Impresso a côres, em excellente papel, e typo novo, o *Almanak do povo* contém tudo que o curioso pode desejar.

É um tentamen que honra o senhor Desiderio Marques Leão, seu proprietario, pela concepção, e os senhores Lallemant pela execução artistica.

Suas Magestades, a quem foram offerecidos alguns exemplares, dignaram-se significar a sua real estima por um trabalho que comprova o progresso dos nossos artistas.

## AVISO AOS SENHORES ASSIGNANTES

DO

## RIO DE JANEIRO.

O Editor e proprietário do *Panorama e Illustração* declara que, em consequencia de graves motivos de queixa que tem contra o senhor Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda, e que a qualquer tempo publicará, se necessario fór; deixa este senhor de ser correspondente do Editor, no Rio de Janeiro, desde o primeiro de Janeiro de 1858, proximo futuro.

Os senhores Assignantes do *Panorama*; que quizerem continuar a sua assignatura, e bem assim os que desejarem assignar para a *Illustração Luso-Brasileira*, cuja publicação continuará no proximo futuro anno, queiram dirigir-se ao senhor Floriano Alves da Costa, rua de S. Pedro, n.º 26.

Ao senhor Alves da Costa devem ser feitas todas as requisições, não só d'aquelles dois jornaes, como de todas as obras, cujo catalogo vai inserto n'este mesmo jornal, de que é Editor o proprietario dos mesmos semanarios litterarios.

## OBRAS QUE SE VENDEM EM CASA DO EDITOR A. J. F. LOPES, LIVREIRO.

RUA AUREA, 227 E 228.

- Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837, e redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de folio com excellentes gravuras em madeira. Preço por assignatura — em Lisboa — anno 1:300 rs. — semestre, 700 rs. — nas provincias (franco) anno, 1:570 rs. — semestre 830 rs.
- As colleções completas, desde a sua fundação até ao presente, 13 volumes, acham-se unicamente em casa do Editor. Preço — em papel, 17:500 rs. — encadernados, 21:100 rs.
- Illustração Luso-Brasileira, periodico universal, collaborado pelos nossos mais distinctos escriptores. Acha-se completo o volume de 1856 — folio grande — contém diversos artigos instructivos e de recreio, e mais de trezentas gravuras, assim de objectos nacionaes, como estrangeiros. Preço, em papel, 3:600 rs. — encadernado, 4:200 rs., em Lisboa.
- Poesias de M. M. de B. du Bocage, colligidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por L. A. Rebello da Silva. Edição completa em 6 volumes de 8.º francez, com mais de 400 paginas cada um. Preço rs. 4320
- Natureza das Coisas, poema de T. Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez por A. J. de Lima Leitão. 1851—1853, 2 vol. 8.º br. rs. . . . . . 800
- Fastos da Igreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, por L. A. Rebello da Silva, com censura e autorisação do patriarcado. Publica-se em cadernos de 150 paginas; cada volume comprehende dois cadernos. — Estão publicados 4 cadernos, que constituem o 1.º e 2.º volumes, contendo a Vida de Nosso Senhor Jesus Christo completa. Preço de cada volume em Lisboa, rs. . . . 480  
Nas provincias, rs. . . . . . 520
- Poesias de L. A. Palmeirim — 2.ª edição, correcta e augmentada, 1 vol. de 8.º francez, rs. 600
- Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, por J. da S. Mendes Leal Junior, com um prologo pelo autor, um prologo pelo sr. L. A. Rebello da Silva, e um esboço critico pelo sr. Lopes de Mendonça, 1 vol. de 8.º francez, rs. 480
- O Homem de Oiro, drama em 3 actos (continuação dos Homens de Marmore), por J. da S. Mendes Leal Junior, com um prologo pelo autor, e um juizo critico pelo sr. Ernesto Biester, 1 vol. de 8.º francez br., rs. . . . . 300
- Rudimentos de Economia Politica, para uso das escolas, por F. A. Marques Pereira, 1 vol. 8.º br., rs. . . . . . 200
- Adições ao Manual do Tabellião, por F. V. da Silva Barradas, 1 vol. 8.º francez br., rs. . . 200
- Memorias de Litteratura Contemporanea, por A. P. Lopes de Mendonça, 1 vol. 8.º fr., rs. 720
- Medicina Legal, por Sédillot, traduzida pelo doutor Lima Leitão — 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. em 8.º francez, rs. . . . 1200
- A Cruz, drama em 5 actos, por Luiz de Vasconcellos d'Azevedo e Silva, 1 vol. 8.º fr., rs. . . 320
- Um Quadro da Vida, drama em 5 actos, por Ernesto Biester, com um prologo pelo sr. L. A. Rebello da Silva, e um juizo critico pelo sr. L. de Mendonça, 1 vol. 8.º francez, rs. . . . 480
- A Herança do Chanceller, comedia em 3 actos e em verso por J. da S. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.º br., rs. . . . . . 400
- A Redempção, comedia-drama em 3 actos, por Ernesto Biester, com uma introdução pelo sr. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.º fr., rs. . . 360
- Othello ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação por L. A. Rebello da Silva, 1 vol. 8.º francez, rs. . . . . . 300
- Dois Casamentos de Conveniencia, comedia em 3 actos, por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.º fr., rs. 360
- Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º francez, rs. . . . . . 400
- Camões e o João, scena dramatica, por Casimiro Abreu, 8.º rs. . . . . . 100
- Duas Epocas da Vida, comedia em 3 actos, por Ernesto Biester, 8.º rs. . . . . . 240
- Camões do Rocio, comedia em 3 actos, por I. M. Feijó, 1 vol. 8.º francez, rs. . . . . . 300
- Casamento e Despacho, comedia em 3 actos, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º francez, rs. . . . . 320
- Sermões do doutor Francisco Soares Franco Junior, 1 vol. em 8.º francez rs. . . . . . 480
- Eneida de Virgilio em portuguez, 3 vol. 8.º francez, br., rs. . . . . . 2880  
O 3.º volume só, rs. . . . . . 1000
- A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, pelo autor do Camões do Rocio, com o parecer do ex.º sr. conselheiro Garrett, 1 vol. 8.º francez, rs. . . . . . 400
- A Mocidade de D. João v, comedia-drama em 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.º francez br., rs. . . . . 480
- Uma viagem pela litteratura contemporanea, por Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. br. rs. . . . 200
- Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, por J. Mesquita da Rosa, 8.º port. br. rs. . . . . 120
- Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.º francez br. . . . 400
- O Sapateiro d'escada, comedia de costumes em 1 acto, por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.º fr., rs. 160
- Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire, — Candido Luzitano, 8.º br., 3 vol., rs. . . . . . 720
- Sambul, comedia em 3 actos, e 9 quadros, por Aristides Abranches, 8.º fr. br., rs. . . . 300
- Poesias de J. da S. Mendes Leal Junior. . . . . 720
- Pedro, drama em 5 actos, por J. da S. Mendes Leal Junior. . . . . . 400
- Scenas de familia, comedia em 2 actos, original de Antonio Cesar de Lacerda . . . . . 320
- Ensaios poeticos, por L. Paulino Borges. . . . . 60
- A Domadora de feras, comedia em 1 acto, por L. A. Palmeirim . . . . . . 160

Tambem se acham á venda no armazem de livros do Editor A. J. F. Lopes, rua Aurea, n.º 227 e 228, os primeiros oito volumes da Collecção Chronologica da Legislação Portugueza de 1603 em diante, annotada pelo doutor José Justino d'Andrade e Silva. — Preço de cada volume 2:200.